



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

**SARA REGIS DA SILVA RIOS**

***OUTRO CANTO***

***Retratos de artistas da outra música baiana em  
lugares especiais***

Salvador

2014

**SARA REGIS DA SILVA RIOS**

***OUTRO CANTO***

***Retratos de artistas da outra música baiana em  
lugares especiais***

Memória do trabalho de conclusão de curso de graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia.

Professor orientador: José Mamede

Salvador

2014

## **Agradecimentos**

Obrigada a todos os artistas que aceitaram meu convite para participar desse projeto.

Obrigada a Danilo Guimarães, meu amigo e marido, pelo apoio de sempre e pela assistência na maioria das fotos.

Obrigada a Diogo Rios, meu irmão, pelos galhos quebrados com toda boa vontade.

Obrigada a Lis Nogueira, minha amiga e sócia, que teve um trabalhão pra criar o projeto gráfico e diagramar o livro sem cobrar nada pelo seu belo trabalho.

Obrigada a Wendell Wagner e a Fabíola Freire pela paciência e cuidado com que trataram e re-trataram minhas fotografias.

Obrigada a José Mamede pela orientação acadêmica.

Obrigada à minha família, minha base.

## **Resumo**

Este trabalho constitui a memória do livro fotográfico *Outro Canto – retratos de artistas da outra música baiana em lugares especiais*, trabalho de conclusão do curso de graduação em Jornalismo. Este projeto tem como objetivo principal a produção de retratos dos principais artistas baianos que estão em atividade atualmente no circuito alternativo da música, circulando fora do universo *mainstream*. Os locais em que os retratados posaram foram escolhidos por eles próprios, sendo que cada cenário reservava um significado especial para cada artista.

**Palavras-chave:** *fotografia, retrato, livro fotográfico, artistas, música baiana, circuito alternativo.*

## Repertório

1. Afinação dos instrumentos (Apresentação).....	7
2. Estudo da partitura (O tema – <i>mainstream versus underground</i> ).....	10
3. Ensaio (O retrato).....	15
4. Ao vivo (O processo).....	21
5. Bis (Conclusão).....	33
6. Referências e Bibliografia.....	35
7. Apêndices.....	36

### Lista de figuras:

- Figura 1 – Irving Penn, Pablo Picasso, 1957
- Figura 2 – Arnold Newman, Igor Stravinski, 1946
- Figura 3 – Henri Cartier-Bresson, Uma vendedora, 1963
- Figura 4 – Henri Cartier-Bresson, Taxistas, 1931
- Figura 5 – Henri Cartier-Bresson, Garoto com garrafas de vinho, 1954
- Figura 6 – Henri Cartier-Bresson, *Downtown*, 1947
- Figura 7 – Sara Regis, Fábio Cascadura, 2013
- Figura 8 – Sara Regis, CH Straatmann, 2013
- Figura 9 – Sara Regis, Lazzo Matumbi, 2013
- Figura 10 – Arnold Newman, Roy Lichtenstein, 1976
- Figura 11 – Arnold Newman, Man Ray, 1948
- Figura 12 – Arnold Newman, Max Ernst, 1942
- Figura 13 – Jim Marshall, Dr. John, 1983
- Figura 14 – Jim Marshall, *Cream*, 1967
- Figura 15 – Jim Marshall, *The Allman Brothers*, 1969
- Figura 16 – Anton Corbijn, Lance Armstrong, 2003
- Figura 17 – Anton Corbijn, Herbert Gronemeyer, 1993
- Figura 18 – Anton Corbijn, Nicolas Cage, 1998
- Figura 19 – Anton Corbijn, Elvis Costello, 1977
- Figura 20 – Anton Corbijn, David Bowie, 1980
- Figura 21 – Sara Regis, Álvaro Assmar, 2013
- Figura 22 – Sara Regis, Nancy Viégas, 2013
- Figura 23 – Anton Corbijn, Miles Davis, 1985
- Figura 24 – Sara Regis, Dão, 2013
- Figura 25 – Capa do single *Duas de Cinco*, Criolo, 2013
- Figura 26 – Capa do *Outro Canto*, 2013
- Figura 27 – Lâmina do *Outro Canto* em que aparece CH Straatmann, 2013
- Figura 28 – Lâmina do *Outro Canto* em que aparece Ricardo Primata, 2013
- Figura 29 – Capa do álbum *Ramones, The Ramones*, 1976
- Figura 30 – Capa do álbum *Lioness: Hidden Treasures*, Amy Winehouse, 2011

## 1. Afinação dos instrumentos

Essa minha vontade de fazer um livro fotográfico não veio do nada.

Tudo começou em 2006, quando ingressei na Faculdade de Comunicação da UFBA para cursar Produção em Comunicação e Cultura, ou Produção Cultural. Comecei a lidar com a fotografia de forma amadora graças a uma das disciplinas obrigatórias da grade curricular, ministrada pelo professor José Mamede.

Com o tempo, descobri que minha área predileta era a fotografia de espetáculos, em especial de shows musicais. A partir de 2009, comecei a frequentar shows de diferentes gêneros e portes não apenas para assistir, mas também para registrar imagens com uma câmera fotográfica digital semiprofissional.

Em 2010, concluí minha primeira graduação, depois de ter cursado todas as disciplinas optativas relacionadas a fotografia disponíveis na faculdade. Minha proximidade com o rock resultou no projeto *Rock no Rio Vermelho*, trabalho de conclusão de curso orientado por José Mamede. Este consistiu numa exposição fotográfica com 25 imagens de registros de shows de bandas de rock no bairro mais boêmio de Salvador, que era também o que concentrava a maioria dos shows de rock independentes. O local da exposição, que teve curadoria da fotógrafa Sora Maia, foi a casa de shows *Boomerangue*, localizada na Rua da Paciência, no Rio Vermelho, que naquele tempo era um dos principais espaços de rock da cidade, tanto pela estrutura quanto pela localização e alta frequência de shows.

Como monitora do *Labfoto*, laboratório de fotografia da Faculdade de Comunicação da UFBA – durante o segundo semestre de 2010 e o primeiro semestre de 2011 – pude atuar na cobertura de espetáculos teatrais. Tal experiência foi fundamental para minha formação como fotógrafa e me auxiliou muito no aprimoramento da técnica fotográfica.

De 2006 até hoje, fiz alguns cursos e oficinas relacionados à fotografia: estúdio, moda, câmeras DSLR<sup>1</sup>, fotografia documental, entre outros temas.

Até que, em 2012, me juntei a 3 amigos fotógrafos – Aline Trettin, Lis Nogueira e Gregory Nogueira – e montamos a empresa *La Fotita*. A partir daí, minhas experiências na área da fotografia se diversificaram um pouco mais, com coberturas de eventos sociais, produção de editoriais, *books* em estúdio, fotografia de interiores, entre outras. Porém, meu apreço pela fotografia de espetáculos se mantinha, apesar desta atividade ter perdido espaço no meu dia-a-dia.

O projeto *Outro Canto* surgiu então da minha vontade de unir a formação em Jornalismo à minha primeira graduação e à minha atual ocupação como fotógrafa. Esse projeto de TCC<sup>2</sup> se apresenta, para mim, como uma ampliação do primeiro, mas os artistas baianos retratados, desta vez, estavam fora do palco e eu pude conhecê-los e ter uma interação com eles, interferindo no modo como eles se apresentavam para as minhas lentes.

Antes de definir o que seria meu projeto de TCC, eu já sabia que este teria relação com fotografia e com música: duas grandes paixões.

Em conversa com José Mamede, orientador desse trabalho, ele sugeriu que eu me desafiasse mais e não fizesse mais um projeto de registro de espetáculo, como foi meu primeiro TCC, mas uma série de retratos de artistas num contexto fora dos palcos.

Pensando em que lugares eu poderia fotografar essas personalidades, cheguei à conclusão que ninguém escolheria melhor o ambiente ideal para ser fotografado do que os próprios artistas. Fiquei curiosa pra saber que cenários eles escolheriam e o que me contariam sobre cada espaço.

A primeira etapa do trabalho foi listar quais artistas eu queria retratar e qual o filtro que eu faria para selecioná-los. Decidi então que iria trabalhar com os artistas baianos da cena alternativa da música, sendo que um dos objetivos era

---

<sup>1</sup> *Digital single-lens reflex*, são aquelas câmeras fotográficas digitais que usam um sistema mecânico de espelhos e um pentaprisma para direcionar a luz da lente para um visor óptico na parte traseira.

<sup>2</sup> Trabalho de conclusão de curso

catalogar os principais nomes e contribuir para o fortalecimento dessa cena musical que circula fora do circuito *mainstream*<sup>3</sup>.

Sendo assim, produzi uma série de retratos de alguns artistas baianos da cena musical alternativa. O local onde as fotos foram feitas foi escolha deles, sendo que cada lugar tinha algum significado especial para cada fotografado. Lucas Santtana quis posar na praia do Rio Vermelho, bairro que morou durante a infância e a adolescência. Dão escolheu o MAM, no Solar do Unhão, por ser um lugar que tinha eventos musicais toda semana, ao mesmo tempo em que representava um refúgio para o cantor e compositor descansar e compor. Geronimo optou pela Casa de Geronimo e a Escadaria do Passo, endereços vizinhos que tem muita importância para sua história, pois o cantor e compositor se apresenta toda terça-feira na Escadaria, localizada no bairro do Santo Antônio Além do Carmo. A Casa funciona como um memorial de sua carreira e, ao mesmo tempo, um ponto de apoio para os shows que acontecem na Escadaria há mais de 10 anos. Márcio Mello fez questão que seus retratos fossem feitos na *Midialouca*, no Rio Vermelho, e contou que fez parte da história da loja de discos.

Cada artista com um relato particular que tentei contar nos pequenos textos que acompanham cada retrato. O material do *Outro Canto* foi produzido entre os meses de junho e dezembro de 2013.

Esta memória está dividida em quatro partes. No capítulo "O estudo da partitura", faço uma breve discussão sobre as principais características do circuito *mainstream* e do *underground* da música, conceitos fundamentais para explicar as escolhas feitas neste trabalho. Depois, no capítulo intitulado "Estudo da partitura", abordo algumas questões relacionadas ao retrato a partir de um texto de Gabriel Bauret. Em seguida, faço o relato do trabalho no capítulo "Ao vivo". Por fim, apresento algumas conclusões obtidas durante e após a finalização do *Outro Canto*.

---

<sup>3</sup> Circuito musical de amplo consumo atrelado à indústria cultural. O termo em inglês significa "corrente principal", numa tradução livre.

## 2. Estudo da partitura

Em termos midiáticos, pode-se relacionar a configuração da música popular massiva ao desenvolvimento dos aparelhos de reprodução e gravação musical, o que envolve as lógicas mercadológicas da indústria fonográfica, os suportes de circulação das canções e os diferentes modos de execução, audição e circulações audiovisuais relacionados a essa estrutura.

(CARDOSO FILHO, JANOTTI JR, 2006, pág. 2)

Jeder Janotti Júnior e Jorge Cardoso Filho, no artigo intitulado "A música popular massiva, o *mainstream* e o *underground*: trajetórias e caminhos da música na cultura midiática", destacam a importância da evolução dos suportes de gravação e reprodução para o universo da produção e do consumo da música. Segundo os autores, a noção de música popular massiva está intimamente "ligada aos encontros entre a cultura popular e os artefatos midiáticos". (CARDOSO FILHO, JANOTTI JR, 2006, pág. 4)

[...] a expressão música popular massiva refere-se, em geral, a um repertório compartilhado mundialmente e intimamente ligado à produção, à circulação e ao consumo das músicas conectadas à indústria fonográfica. Esse adendo permite a compreensão de que apesar de popular, a música massiva, pelo menos em sentido estrito, passa pelas condições de produção e reconhecimento inscritas nas indústrias culturais.

(CARDOSO FILHO, JANOTTI JR, 2006, pág. 3)

Em "Música Popular Massiva e Comunicação: um universo particular", Janotti Jr (2007) afirma que é comum, na cultura contemporânea, que se faça confusões no uso da expressão "música popular massiva", já que esse termo abarca diferentes gêneros musicais, que vão desde o rock e a música eletrônica até aquelas manifestações musicais consumidas em massa, como a

música sertaneja e o *axé music*<sup>4</sup>. Ou seja, a expressão não relaciona diferentes manifestações do mundo da música no que se refere aos gêneros musicais, e sim em relação às estratégias de produção, reprodução e consumo inerentes àquele universo. Para o autor, a configuração de uma indústria fonográfica, que é diretamente ligada à música popular massiva, é um fator determinante "nos circuitos de distribuição, acesso, formatos e até na própria resistência a essas lógicas" (JANOTTI JR, 2007, pág. 2).

Cardoso Filho e Janotti Júnior (2006) afirmam ainda que os produtos musicais podem ser divididos entre aqueles de ampla circulação, o *mainstream*, e aqueles de circulação restrita, o *underground*<sup>5</sup>. As expressões *underground* e *mainstream* estão inseridas dentro do conceito de música popular massiva, e levam consigo uma enorme carga valorativa, em especial em gêneros como o rock e a música eletrônica, significando dois pólos contrários e em constante conflito. Os consumidores dos gêneros musicais referidos, ao designarem uma produção musical como *underground* ou alternativa, estão atribuindo um caráter valorativo a este produto, seja ele um fonograma, um show musical ou um álbum. Bandas *mainstream* buscam atingir grandes públicos, enquanto que as *undergrounds* ou alternativas são aquelas dirigidas a pequenos nichos de consumidores.

Os produtos de circulação restrita possuem como característica uma certa proximidade entre as etapas de produção e as formas de reconhecimento e consagração, sendo a valoração construída, em última análise, pelos próprios produtores. Por outro lado, os produtos do *mainstream* estariam caracterizados por serem consagrados pelo público, radicalmente distante de sua etapa de produção. (TROTТА, 2007, p. 8)

Em "Gêneros musicais e comunicação: proposição um modelo de análise midiática da música popular massiva", Janotti Jr (2008) afirma que a maior

---

4 A expressão foi criada em 1987 pelo jornalista Hagamenon Brito, que, de forma pejorativa, "juntou a maneira como chamava as músicas baianas que considerava bregas, *axé*, ao termo em inglês usado pelas bandas que tinham pretensões internacionais, *music*." (Fonte: <http://bahia.com.br/viverbahia/cultura/musica/>, acesso em 20 de dezembro de 2013)

<sup>5</sup> O termo em inglês significa "subterrâneo", em tradução livre.

parte das diferenciações entre o universo *mainstream* e o *underground* estão relacionadas às gravações feitas em grandes estúdios, cujo acesso é possibilitado pelas grandes gravadoras, e àquelas feitas em *home studios*<sup>6</sup>, respectivamente.

Há uma diferença fundamental entre os shows de bandas do *mainstream* e do *underground* ou circuito alternativo. No primeiro caso, há um distanciamento entre público e artistas, e “as apresentações ao vivo parecem ter sido transformadas em shows tão grandiosos de barulho e *glamour* que, para o público, a experiência é como a de bater com o nariz numa vitrine de loja” (FRITH, 2002). Já no segundo caso, a participação da platéia é fundamental. Os palcos são mais baixos, os equipamentos de som atingem menores volumes (devido à estrutura e ao espaço reduzidos das casas de show onde esses eventos acontecem), e os artistas não se restringem apenas ao palco e ao camarim, podendo circular pela plateia antes ou depois de se apresentarem, diferentemente das “estrelas intangíveis” do *mainstream*.

Em "Simon Frith: sobre o valor da música popular midiática", Janotti Jr afirma que, na cultura musical, as formas hegemônicas estão vinculadas ao modelo de grandes gravadoras, à agenda das grandes turnês internacionais, aos modelos de circulação pensados a partir dos conglomerados midiáticos e às estratégias de marketing em grande escala. (JANOTTI JR, 2011, pág. 10)

Logo, as expressões musicais do circuito *underground* ou alternativo da música são caracterizadas como aquelas que fogem, por opção ou por condição, dos padrões comerciais de produção, gravação, reprodução, circulação e consumo predominantes no circuito *mainstream*. Atualmente, a distribuição desses produtos ocorre, principalmente, através da internet, em especial pelas redes sociais, pelos sites de *streaming*<sup>7</sup> de conteúdo multimídia e pelo *Youtube*. Os artistas e bandas desse circuito, principalmente pelo fato de não estarem

---

<sup>6</sup> "Estúdios caseiros", em tradução livre.

<sup>7</sup> "Fluxo de mídia", em tradução livre. Consiste numa forma de distribuir material multimídia através da Internet, permitindo que um usuário reproduza conteúdos protegidos por direitos de autor sem que haja a violação desses direitos.

ligados a grandes gravadoras ou distribuidoras, podem ser mais livres no momento da criação, pois não são obrigados a seguir padrões e fórmulas pré-definidas para garantir que seus produtos sejam vendidos em larga escala.

Parte dos aspectos identitários e das contestações às grandes gravadoras associadas a alguns gêneros musicais (como a música caipira e o samba) estão vinculados à permanência de elementos da tradição *folk* em meio às expressões culturais contemporâneas. Daí a insistência nos aspectos “alternativos”, que podem ganhar visibilidade através da conservação de certas sonoridades, nas gravações de baixo orçamento, na insistência da manutenção de apresentações fora dos circuitos habituais, na utilização de instrumentos tradicionais e na valorização de relações mais diretas entre público e músicos. (JANOTTI JR, 2009, pág. 142)

Janotti Jr (2009) reconhece que a utilização de gravações digitais de baixo orçamento, modos de circulação descentralizados e redes sociais em torno de nichos mostram o potencial de modificação do atual mundo musical, sendo que isso acaba tensionando boa parte dos alicerces do consumo da música gravada.

O *underground*, livremente traduzido como o "subterrâneo", é comumente definido como "obra autêntica", “longe do *esquemão*” ou “produto não-comercial”, que adota um conjunto de princípios de confecção de seus conteúdos que solicita um repertório mais delimitado para a fruição, que se contrapõe ao amplo consumo. Tais produtos de consumo segmentado possuem uma organização de produção e circulação particulares e se firmam, quase invariavelmente, a partir da negação do seu oposto, o *mainstream*. (CARDOSO FILHO, JANOTTI JR, 2006)

Entender as particularidades do circuito musical *underground*, em oposição ao *mainstream*, foi fundamental para que eu conseguisse fazer um recorte dentro do universo de artistas baianos. Eu optei por produzir retratos de algumas das mais notáveis figuras que mantêm vivo o circuito alternativo baiano, inclusive

por de ser fã de muitos deles. Além disso, tal escolha me permitiu uma maior facilidade de contato direto com os próprios artistas, que possuem uma grande autonomia sobre suas carreiras e aceitaram meu convite despretensioso.

### 3. Ensaio

"Existe sempre algo de auto-retrato no retrato de outrem" (BAURET, 2006, pág. 64).

Gabriel Bauret, no capítulo "O Retrato", parte integrante do seu livro "A Fotografia – histórias, estilos, tendências, aplicações", afirma que o retrato tem a capacidade inerente de informar sobre um indivíduo que faz parte de um grupo ou classe social, bem como sobre seus hábitos de vida e sua atitude. Ele reconhece que alguns fotógrafos do século XIX buscaram ultrapassar a função documental do retrato.

O *quem*, o *porquê* e o *como*, bem como a ideia de retrato como representação do indivíduo, são questões elencadas por Bauret como inerentes ao processo de produção do retrato. Durante a execução do *Outro Canto*, eu busquei responder a essas perguntas. A definição de quais figuras eu queria fotografar foi meu ponto de partida para desenvolver esse trabalho. Minha vontade era retratar cantores e compositores baianos, mas aqueles que circulam fora do circuito *mainstream* da música. Ao mesmo tempo em que selecionei figuras da música baiana, escolhi aqueles que circulam num circuito alternativo, ou *underground*. Na maioria dos casos, as figuras fotografadas são conhecidas por um público restrito, o que as mantém desconhecidas para a grande maioria do público consumidor de música, principalmente para aqueles que residem fora da Bahia. O *como*, ou seja, a definição de como eu queria representar determinado pessoa, foi a parte mais difícil de definir, mas acabei obtendo um resultado satisfatório. A essas três perguntas listadas por Bauret, eu acrescentaria o *onde*, que, para o meu trabalho, possui a mesma importância das outras questões.

Bauret faz uma diferenciação entre as modalidades de retratos. Tratando o retrato oficial, o autor destaca a importância deste tipo de retrato na imortalização das figuras de personalidades políticas ou religiosas. Há fotógrafos especializados em retratos que produzem imagens encomendadas que são reconhecidas como sendo as únicas válidas pelo fotografado.

Há também os retratos de caráter "menos oficial", segundo palavras do autor, que seriam aqueles de quaisquer personalidades ligadas ao mundo das artes,

da ciência ou do esporte. É um costume do mundo da música, e das artes em geral, que o artista adote uma ou poucas mais imagens como oficiais, que seriam as famosas fotos de divulgação, que são muito usadas para fins de promoção de eventos culturais, como shows e exposições de arte, ou usadas para ilustrar entrevistas ou compor agendas culturais. Essas fotografias são muito usadas pelos veículos de comunicação por não terem, geralmente, restrições de direitos autorais em relação ao uso para finalidades semelhantes às citadas anteriormente. Geralmente, o retratado paga ao fotógrafo pelo serviço e o uso do material é praticamente livre posteriormente.

Segundo Bauret, alguns grandes retratistas oficiais, como os franceses Jacques-Henri Lartigue e Gisèle Freund, conseguiam "condensar numa imagem simbólica o essencial das qualidades e das funções de um indivíduo importante" (BAURET, 2006, pág. 56). Na execução desse trabalho, eu já tinha dois elementos importantes, que diziam muito sobre cada indivíduo fotografado: o local que ele escolheu como cenário e as roupas que ele decidiu usar, sem minha interferência, na ocasião do retrato. Cabia a mim o difícil papel de ajudá-lo a expressar, por meio da pose e da expressão próprias, algo mais sobre si mesmo que pudesse transparecer em seu retrato, como sua personalidade, sua atitude, seus gostos e sua identidade.

Bauret aponta ainda que, na atualidade, grande parte dos retratos que compõem as matérias jornalísticas são imagens efêmeras. Porém, fotógrafos como Irving Penn e Arnold Newman conseguiram produzir imagens definitivas, que são, até hoje, republicadas diversas vezes, como a de Pablo Picasso (ver Figura 1) e a de Igor Stravinski (ver Figura 2).



Figura 1 – Irving Penn, Pablo Picasso, 1957

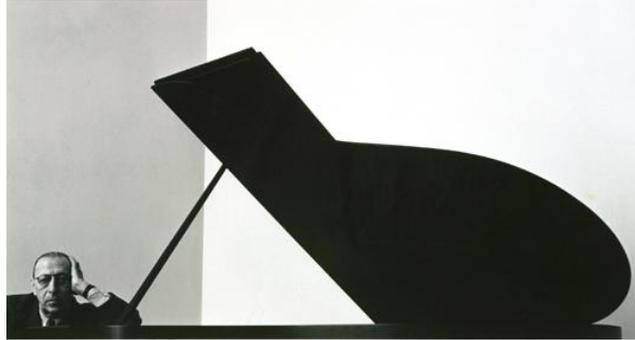


Figura 2 – Arnold Newman, Igor Stravinski, 1946

Analisando o trabalho de Nadar, Bauret comenta sobre a forma que o fotógrafo valorizava os acessórios e a indumentária e como ele colocava o sujeito fotografado em pose, visando realçar os símbolos ligados à função e ao poder deste, o que resultava em retratos cujos corpos apareciam pouco naturais. Isso acontecia também porque o tempo de exposição, na segunda metade do século XIX, precisava ser bem maior do que é necessário hoje em dia, devido à baixa sensibilidade das chapas fotográficas da época. Por isso, o sujeito precisava ficar sentado e com as mãos apoiadas para conseguir ficar imóvel o tempo necessário sem provocar “borrões” na imagem por conta do movimento. Como eu não queria uma forte carga de artificialidade nos meus retratos e desejava que a personalidade do sujeito transparecesse na sua pose, tentei chegar à posição ideal de cada pessoa em acordo com elas, tentando deixá-las à vontade para se comportarem o mais naturalmente possível. Por conta disso, a maioria dos retratos selecionados para o livro *Outro Canto* foram aqueles feitos nos momentos finais das sessões fotográficas, quando os modelos estavam mais à vontade em frente a mim e à minha câmera.

Também na segunda metade do século XIX, ainda de acordo com Bauret, a popularização do retrato foi intensificada com a invenção do cartão de visita fotográfico, de Disdéri. Este advento ampliou o acesso ao retrato, que antes era um privilégio reservado a grandes personalidades. Desde então, o gênero retrato se diversificou e as possibilidades foram ampliadas, o que permitiu o nascimento da profissão de retratista, que mais tarde fora ameaçada por conta do acelerado desenvolvimento da fotografia amadora.

Porém, a evolução da técnica fotográfica facilitou também o trabalho do profissional de fotografia, permitindo-lhe realizar retratos em qualquer locação,

interna ou externa, não necessariamente no estúdio. O fotógrafo passou a se deslocar para o encontro com o fotografado, e não mais o contrário; e isso permitia uma menor intervenção na realidade do sujeito retratado, podendo o fotógrafo captar mais puramente o cenário e a situação em que o personagem se encontra. Bauret afirma que esta modalidade de retrato, muito associada à reportagem, foi adotada por importantes fotógrafos como Henri Cartier-Bresson, que valorizava a relação do personagem com o cenário e procurava interferir o mínimo na realidade (ver figuras 3, 4, 5 e 6).



Figura 3 – Henri Cartier-Bresson, Uma vendedora, 1963



Figura 4 – Henri Cartier-Bresson, Taxistas, 1931



Figura 5 – Henri Cartier-Bresson, Garoto com garrafas de vinho, 1954



Figura 6 – Henri Cartier-Bresson, *Downtown*, 1947

Já o fotógrafo Richard Avedon seguiu um caminho oposto, pois obrigava os personagens a seguirem suas regras estéticas, embora também estivesse, mesmo que de uma forma totalmente diferente, tentando descobrir uma verdade. Bauret afirmou, sobre a série de retratos de indivíduos anônimos do oeste dos Estados Unidos feita por Avedon:

O seu olhar fotográfico mergulhou no mais profundo destes seres, como se quisesse praticar um retrato interior, não para revelar, como se teria pensado à primeira vista, uma verdade da sociedade norte-americana, mas uma verdade humana, muito mais universal; o pertencer a uma região ou um país, no fim de contas, tem muito pouca importância. (BAURET, 2010, pág. 61)

Bauret finaliza o capítulo "O Retrato", de seu livro "A Fotografia – histórias, estilos, tendências, aplicações" (2010), ressaltando que, ao longo da história, o retrato se divide basicamente em dois tipos: o que é encomendado e o que faz parte de uma iniciativa individual e artística do fotógrafo. Porém, o autor não quis dizer com isso que esses dois contextos não podem se interpenetrar, a depender de cada trabalho. De alguma maneira, esses dois mundos atribuem à fotografia funções diferentes e, aos fotógrafos, lugares diferentes.

(...) fazer arte aplicada não exclui que, a este propósito, se possa falar de criação, o que equivale dizer que a encomenda é por vezes menos constrangedora do que à

primeira vista parece; e que, por outro lado, os fotógrafos a quem se chama artistas nem sempre são criadores, na medida em que nem sempre são tão livres como se poderia pensar. (BAURET, 2010, pág. 65)

Porém, é importante ratificar que é possível que não haja uma divisão clara entre o trabalho encomendado e o artístico e criativo, sendo que esses dois propósitos estão em constante intercâmbio.

O retrato foi a modalidade escolhida para o desenvolvimento do *Outro Canto* porque permite que sejam mostradas numa fotografia, além do rosto do modelo, claro, a atitude e a personalidade dele. Além disso, deixar que os retratados, alguns dos principais nomes da música alternativa da Bahia, escolhessem o seu plano de fundo, me permitiu contar ainda mais sobre cada um deles.

#### 4. Ao vivo<sup>8</sup>

Depois de ter decidido que queria fazer um livro de retratos, comecei o processo de execução do trabalho fazendo uma lista de artistas que tinha intenção de fotografar. Consegui os telefones e os e-mails de alguns deles através de conhecidos das áreas de jornalismo e produção cultural. Porém, o *Facebook*<sup>9</sup> foi o principal meio através do qual tive o primeiro contato com a maioria dos artistas, ou pelos perfis pessoais ou pelas *fanpages*<sup>10</sup>. Porém, para marcar o dia do ensaio e encontrar com eles no local combinado, o contato via telefone celular foi imprescindível.

Por telefone, e-mail ou *Facebook*, a conversa com os artistas iniciava com uma breve apresentação minha como concluinte do curso de Jornalismo e fotógrafa. Depois, explicava em linhas gerais o conceito do meu projeto de TCC, que consistia numa série de retratos de artistas em um local de escolha deles, que deveria ter algum significado para suas carreiras ou histórias pessoais. Muitas vezes, precisei entrar em contato várias vezes, pois geralmente eles ficavam de pensar no local e de verificar disponibilidade de agenda.

No início do mês de junho de 2013, mais precisamente no dia 8, comecei o trabalho de registro. O primeiro modelo foi o músico Júlio Caldas, que escolheu como plano de fundo o bairro em que reside há cerca de 3 anos. Júlio foi tranquilo e muito paciente, o que me deixou à vontade para experimentar. Foi uma tarde ensolarada agradável em que caminhamos sem pressa pelas redondezas de seu apartamento na Federação fazendo várias fotos, oportunidade fundamental para que eu começasse a definir a linguagem do trabalho.

Alguns artistas tiveram dificuldades para escolher onde queriam ser fotografados. O cantor, compositor e instrumentista Eric Assmar, por exemplo, me disse que não havia em Salvador nenhum lugar significativo nem para sua vida pessoal nem para sua carreira. Após algumas trocas de e-mails, sugeri o

---

<sup>8</sup> Peço licença para redigir esta parte da memória em primeira pessoa e utilizando a linguagem coloquial.

<sup>9</sup> Site de rede social de propriedade privada da *Facebook Inc.*

<sup>10</sup> "Página de fãs" é uma página específica dentro do *Facebook*, específica para artistas, bandas, empresas ou marcas.

Largo de Santana, no Rio Vermelho, e ele concordou em ser retratado lá, já que costumava frequentar o local. Iniciamos as fotos logo depois de uma forte chuva que caiu naquela noite. A experiência de fotografar Eric Assmar dois dias depois de Júlio Caldas foi muito importante, sendo que o ensaio foi bem mais difícil. Eric estava apressado e pouco à vontade diante das lentes. Precisei ser rápida e não pude abusar muito de sua disponibilidade, por isso apenas pedi que se sentasse numa das cadeiras que ficam espalhadas pelo Largo e o liberei em cerca de meia hora. Desse dia em diante, eu fui aprendendo a lidar com diferentes tipos de modelos e situações.

Com exceção de Eric Assmar, todos os artistas escolheram seu plano de fundo. Alguns me deram duas opções de lugares, e eu os ajudei a definir considerando principalmente os aspectos visuais do cenário.

Alguns artistas foram mais fáceis de fotografar, pois eram desinibidos e gostavam de posar, como Letieres Leite, Dão, Márcia Castro, Larissa Luz, Pietro Leal, Márcio Mello, Pedro Pondé e Thiago Kalu. Outros, como Nancy Viégas, Robertinho Barreto, Lucas Santtana e CH Straatmann, apesar da timidez aparente, se esforçaram e fizeram de tudo pra sair bem nas fotos.

Durante todo o trabalho, usei uma câmera da marca *Canon*, modelo *7D* com uma lente zoom da fabricante *Tamron* com distância focal<sup>11</sup> de 17-50mm e abertura de 2.8. Tinha também uma lente fixa *Canon* com distância focal de 50mm e abertura de 1.8, que usei uma ou duas vezes. Utilizei um iluminador de *led* modelo *CN-160* para reforçar a iluminação em algumas situações, pois não dispunha de flash dedicado.

Na maior parte do ensaio com Fábio Cascadura, que durou cerca de 20 minutos por conta do pouco tempo que ele tinha disponível, o iluminador de led não fez nenhum efeito sobre o modelo, e o céu ao fundo de algumas fotos ficou *superexposto*<sup>12</sup>, já que precisei fotometrar<sup>13</sup> no rosto do cantor. Além disso, a sombra em algumas partes da face do retratado, como a região dos olhos e

---

<sup>11</sup> O modelo de câmera utilizado não era *full frame*, ou seja, seu sensor digital é menor que o tamanho padrão de 35mm (a *Canon 7D* possui sensor APS-C de 22x15 mm). Por isso, o *fator de corte* dos modelos *Canon* de sensor APS-C equivale ao valor de 1.6. Ou seja, uma lente de distância focal 50mm acaba equivalendo a uma lente de 80mm, por exemplo.

<sup>12</sup> Com excesso de luz.

<sup>13</sup> Leitura das condições de luminosidade da situação, por meio da qual a câmera determina a abertura e a velocidade ideais para se obter o melhor resultado no momento em que uma fotografia é feita.

abaixo do nariz, ficou muito dura<sup>14</sup> por conta da luz forte do sol incidindo diretamente e vindo de cima. Amenizei a situação levando-o para um lugar de sombra, pegando parte do prédio do Solar Boa Vista de fundo (ver Figura 7), local escolhido por ele por conta da relevância histórica e cultural.



Figura 7 – Sara Regis, Fábio Cascadura, 2013

Numa das fotos selecionadas de CH Straatmann (ver Figura 8), apesar de estar numa situação de contraluz, o ambiente fechado permitiu um bom resultado com o iluminador de led. Para algumas fotos noturnas ou em ambientes fechados, o iluminador foi o suficiente para me dar a luz adicional necessária nas fotos, sem que precisasse aumentar muito o valor do ISO<sup>15</sup> do sensor digital.



Figura 8 – Sara Regis, CH Straatmann, 2013

<sup>14</sup> Luz que incide diretamente no objeto.

<sup>15</sup> A sigla ISO vem de *International Standards Organization*. Na fotografia, utiliza-se o ISO como uma unidade de sensibilidade à luz.

O fato de estar trabalhando com uma lente Tamron, de linha inferior às originais Canon, prejudicou a nitidez em algumas fotos, principalmente naquelas produzidas em situações de pouca luz.

Quando fui fotografar Lazzo Matumbi no interior do prédio onde fica o camarim do Museu de Arte Moderna (MAM), ao perceber que o ambiente estava muito escuro, optei por usar a lente Canon 50mm,  $f$  1.8<sup>16</sup>, já que esta é uma lente mais clara<sup>17</sup> que a Tamron, junto com o iluminador de led. Minha intenção foi evitar usar um valor ISO muito alto para reduzir a possibilidade de incidência de ruídos<sup>18</sup> nas imagens. Porém, a nitidez das fotografias resultantes foi prejudicada, pois essa lente não apresenta um bom resultado em ambientes pouco iluminados, além da necessidade de reduzir muito a velocidade do obturador, o que resultou em imagens "borradas". Porém, consegui "salvar" uma das fotografias para compor o livro (ver Figura 9). No ensaio com Lazzo, não pude ficar muito tempo experimentando diferentes configurações e enquadramentos, pois ele, mesmo estando muito bem humorado, demonstrava cansaço depois do show que tinha acabado de fazer naquele dia.



Figura 9 – Sara Regis, Lazzo Matumbi, 2013

Como o ambiente em que os artistas estavam inseridos era de suma importância para o meu trabalho, eu quis retratá-los inseridos no cenário

---

<sup>16</sup> A letra  $f$  é usada para designar o valor da abertura do diafragma das lentes fotográficas.

<sup>17</sup> Lentes claras são aquelas que possuem grandes aberturas de diafragma, permitindo uma maior captação de luz para o filme fotográfico das câmeras analógicas ou o sensor das câmeras digitais.

<sup>18</sup> Ruído digital é uma variação aleatória, que não corresponde à realidade, de brilho e/ou cor nas imagens digitais produzida pelo dispositivo de entrada, a câmera digital.

escolhido. Tive como referência o trabalho de alguns fotógrafos, como Arnold Newman, Anton Corbijn, Jim Marshall e Anton Corbijn, que aproveitavam muito do cenário na produção de retratos.

Gabriel Bauret, ao citar o norte-americano Arnold Newman (1918-2006), diz que esse fotógrafo buscava produzir imagens bonitas e decorativas, jogando com o ambiente do sujeito, que para ele é de grande importância. Além disso, nos retratos de Newman, a exemplo dos reproduzidos abaixo, os personagens estão posando, mas as poses parecem naturais, espontâneas. Por isso, a obra de Newman, "o fotógrafo dos artistas", é uma importante influência para o *Outro Canto*, pelo valor que esse fotógrafo dá à relação entre sujeito e cenário e à espontaneidade (ver figuras 10, 11 e 12). Além disso, os enquadramentos de Newman nos permitem visualizar boa parte do espaço em que os personagens se encontram, mas sem desviar a atenção do modelo, o que eu busquei também fazer nas minhas fotografias.



Figura 10 – Arnold Newman, Roy Lichtenstein, 1976



Figura 11 – Arnold Newman, Man Ray, 1948



Figura 12 – Arnold Newman, Max Ernst, 1942

Jim Marshall (1936-2010), desde que comecei a me interessar por fotografia de músicos, em especial os roqueiros, é uma importante referência para mim. Conhecido como "O Olho do Rock" e tendo fotografado por cerca de 50 anos, acredito que posso associar o meu trabalho ao tradicional fotógrafo no que concerne à referencialidade das imagens (ver figuras 13, 14 e 15). Marshall nos mostra a importância do retrato no registro de imagens de artistas, tanto nas apresentações ao vivo quanto em ensaios fotográficos. O norte-americano também valorizava muito o ambiente em que os modelos estavam inseridos no momento da captura.



Figura 13 – Jim Marshall, Dr. John, 1983



Figura 14 – Jim Marshall, Cream, 1967



Figura 15 – Jim Marshall, *The Allman Brothers*, 1969

Mais um fotógrafo que influenciou fortemente o *Outro Canto* foi o neerlandês Anton Corbijn. Conheci o trabalho de Corbijn através de José Mamede, que me apresentou o site do fotógrafo enquanto me convencia a fazer uma série de retratos posados. Corbijn não só valoriza o cenário em seus retratos, mas brinca com as formas do modelo e dos elementos de fundo (ver figuras 16, 17 e 18).



Figura 16 – Anton Corbijn, Lance Armstrong, 2003



Figura 17 – Anton Corbijn, Herbert Gronemeyer, 1993



Figura 18 – Anton Corbijn, Nicolas Cage, 1998

Analisando o livro pronto, percebo que o trabalho pode ser melhor associado a outros retratos de Corbijn, como o de Elvis Costello (ver Figura 19) e o de David Bowie (ver Figura 20), que seguem abaixo, junto a duas de minhas imagens (ver figuras 21 e 22) que acho semelhantes no quesito em que valorizam o ambiente.



Figura 19 – Anton Corbijn, Elvis Costello, 1977



Figura 20 – Anton Corbijn, David Bowie, 1980



Figura 21 – Sara Regis, Álvaro Assmar, 2013



Figura 22 – Sara Regis, Nancy Viégas, 2013

No ensaio com Dão, eu quis fazer uma referência a um retrato de Miles Davis feito por Anton Corbijn (ver Figura 23) que gosto muito e pedi que ele colocasse as mãos no rosto e arregalasse os olhos. No final, selecionei apenas essa foto para o livro (ver Figura 24), num universo de diversos retratos do cantor e compositor, que adora ser fotografado e rendeu ótimas imagens durante o ensaio. Esse foi o único caso em que abri mão de dar visibilidade ao ambiente e selecionei para a lâmina de um artista uma imagem que dá destaque especial ao modelo, deixando pouco espaço para o cenário. Mas foi por uma boa causa.



Figura 23 – Anton Corbijn, Miles Davis, 1985



Figura 24 – Sara Regis, Dão, 2013

O nome do livro (*Outro Canto*) só surgiu depois de todo material de registro concluído. A palavra “canto” remete tanto ao ato de cantar quanto ao sentido de esquina ou lugar. Agradeço a minha mãe Ivone pela sagaz sugestão. Anexei o complemento “outro” ao título desse trabalho para fazer associação com os artistas da música *underground* ou alternativa, que seria um outro circuito musical, praticamente oposto ao *mainstream*.

O tratamento de imagens foi feito por Wendell Wagner e Fabíola Freire, amigos fotógrafos. Por conta do tempo escasso e porque queria um olhar externo ao meu trabalho, que pudesse agregar valor ao resultado final, optei por terceirizar o trabalho de tratamento.

A criação do projeto gráfico e a diagramação do *Outro Canto* ficou por conta da fotógrafa e designer gráfica Lis Nogueira, que fez o trabalho por meio dos programas da Adobe (*Photoshop* e *Illustrator*). Pesquisamos algumas referências e trocamos alguns links por e-mail até definirmos a linguagem gráfica que seria adotada. Os modelos de *layout* que mais me agradaram remetiam muito ao visual de produtos musicais e capas de discos. Nós optamos por dar destaque aos nomes dos artistas nas lâminas, já que a intenção era o afastamento das referências visuais comuns em livros de fotografias e a aproximação ao universo da música. Além disso, decidi não usar nenhum dos retratos na capa do livro, pois não quis privilegiar nenhum dos artistas, e acredito que um mosaico de fotos não funcionaria bem.

A capa do *single Duas de Cinco* (ver Figura 25), do rapper paulista Criolo, foi a maior influência para a capa do *Outro Canto* (ver Figura 26).



Figura 25 – Capa do single *Duas de Cinco*, Criolo, 2013



Figura 26 – Capa do *Outro Canto*, 2013

Depois que decidi não colocar fotos na capa do livro, a imagem desse *single* veio à minha mente. Enviei a imagem pra Lis pedindo que a usasse como modelo. Além do esquema de cores em preto e branco e da ausência de uma foto, a tipografia e o layout foram uma forte referência para o resultado final do *Outro Canto* (ver figuras 27 e 28).



Figura 27 – Lâmina do *Outro Canto* em que aparece CH Straatmann, 2013



Figura 28 – Lâmina do *Outro Canto* em que aparece Ricardo Primata, 2013

As páginas do *Outro Canto* podem ser associadas às referências visuais de muitas capas de álbuns musicais (ver figuras 29 e 30), que, na maioria das vezes, dão destaque à imagem e ao nome do artista, como nos exemplos abaixo, que também serviram de inspiração para a criação do projeto gráfico.

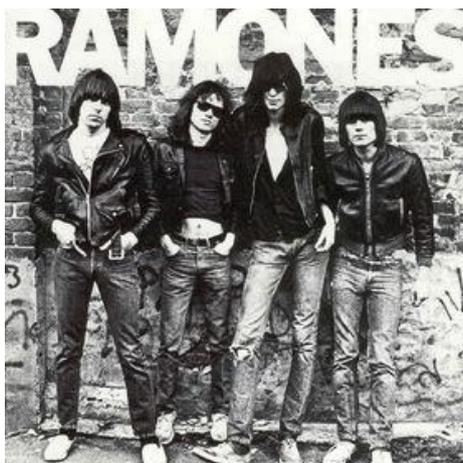


Figura 29 – Capa do álbum *Ramones, The Ramones*, 1976

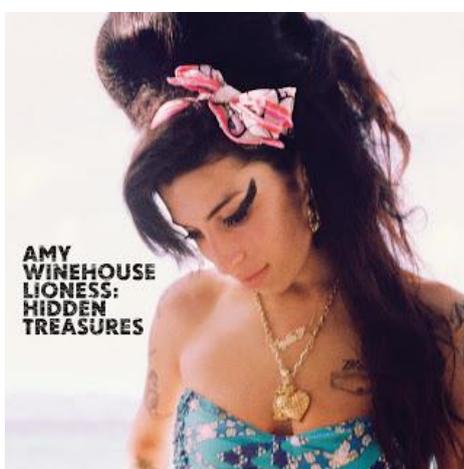


Figura 30 – Capa do álbum *Lioness: Hidden Treasures*, Amy Winehouse, 2011

Mais uma escolha que fiz com a intenção de associar o livro ao universo musical foi optar pelo formato quadrado (25 x 25 cm), que remete ao formato das capas dos álbuns, tanto de *CDs* quanto de *LPs*.

A impressão do livro foi feita na encadernadora Salvador Daqui, com sede no bairro da Barra. Optei por imprimir o material lá porque já conhecia o trabalho e tinha segurança quanto à qualidade final do material. Além disso, pude escolher mais livremente o formato do livro, já que a maioria das empresas que oferecem esse tipo de serviço via internet possuem formatos pré-definidos e softwares de diagramação próprios, o que poderia limitar o trabalho gráfico. No total, foram 54 páginas de miolo mais capa e contracapa duras. O papel utilizado no miolo foi o *couché* 230g com laminação fina fosca e páginas com 180° de abertura.

## 5. Bis

Com o livro *Outro Canto*, eu tive a intenção de mostrar, por meio dos retratos das principais figuras da música baiana alternativa, tanto para os baianos quanto para as pessoas de fora do estado, que a Bahia ainda possui uma rica diversidade musical que extrapola os limites do *axé music* e do arrocha. Além disso, o livro se mostra como uma tentativa de produzir um catálogo, ou uma espécie de memorial da música alternativa baiana de 2013 para as gerações futuras. Por isso, o rosto dos artistas foi muito importante nos meus registros, bem como os traços da personalidade e a atitude deles, percebido também por meio da escolha do cenário.

Como eu não conhecia pessoalmente nenhum dos artistas antes do ensaio, com exceção de Diogo Rios, acredito que tal fato dificultou um pouco o processo de fotografá-los, pois não havia tempo suficiente para marcar um encontro antes do dia do ensaio. Nos dias marcados, após contato inicial via telefone ou internet, eu dispunha de poucos minutos para fazer com que meus modelos se sentissem à vontade em frente às minhas lentes desconhecidas, para só depois começar a clicar. Porém, isso não aconteceu em alguns casos, quando os artistas eram mais tímidos. Mas creio que o resultado final do livro não ficou comprometido por conta disso.

Outra dificuldade que encontrei foi por não dispor de um flash dedicado. Em algumas situações, em especial quando precisei fotografar em ambientes abertos e sob sol forte, como aconteceu no ensaio com Fábio Cascadura e com Marcela Bellas, por exemplo. Eu precisava de uma luz complementar, incidindo sobre o modelo, para que pudesse compensar a intensa luminosidade do fundo, e com o *led* não era possível alcançar um bom resultado. Em ambos os casos, precisei fotografar os artistas num local de sombra.

Alguns problemas no registro das imagens eu só pude perceber ao descarregar as fotos no computador, pois, pelo visor da câmera, não dava pra perceber, por exemplo, a falta de nitidez. Foi o que aconteceu no ensaio com Lazzo Matumbi, e acabei finalizando o ensaio com a mesma lente Canon de 50mm de distância focal e basicamente mantive as mesmas configurações durante toda a sessão

de fotos (ISO 1250, velocidade 1/50, f 1.8), já que precisava liberar o cantor o quanto antes fosse possível, pois ele aparentava cansaço.

Muitos artistas que eu gostaria de incluir no livro, e que inclusive estavam na minha lista, feita na fase inicial do trabalho, ficaram de fora do *Outro Canto*, não por escolha minha, mas por diversos motivos: alguns não conseguiram espaço em suas atribuladas agendas, outros estavam em turnê fora da cidade e até do país durante a fase de registro e outros estão residindo fora de Salvador. Ainda tiveram aqueles com os quais eu não consegui nem mesmo estabelecer um primeiro contato.

Mesmo com as fotografias de Anton Corbijn em mente, acho que não cheguei a tão elevado nível de aproveitamento do cenário. Acredito que o que mais dificultou esse êxito foi o tempo limitado que tinha para cada sessão fotográfica. Eu precisava ser rápida e objetiva para aproveitar ao máximo os poucos minutos que tinha com cada artista, pois os ensaios mais demorados duraram pouco mais de uma hora.

Concluído o TCC, pretendo lançar o livro *Outro Canto* por meio de uma editora, mas ainda vou estudar as possibilidades de editais, leis de incentivo e/ou patrocínios.

Além do lançamento do livro, pretendo também disponibilizar as fotografias feitas nesse projeto para que os artistas e suas assessorias utilizem como fotos de divulgação, com a intenção de divulgar mais o meu trabalho como fotógrafa.

## 6. Referências e Bibliografia

BAURET, Gabriel. **A Fotografia – histórias, estilos, tendências, aplicações**. Lisboa: Edições 70, 2010, 136p.

CARDOSO FILHO, Jorge; JANOTTI JR, Jeder. **A Música Popular Massiva, O Mainstream e o Underground: trajetórias e caminhos da música na cultura midiática**. Anais do XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom). Brasília, 2006.

FRITH, Simon. **Música Popular 1950-1980**. In: (Org) George Martin, Fazendo Música. Brasília: Editora Universidade de Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

JANOTTI Jr., Jeder. **Simon Frith: sobre o valor da música popular midiática**. In: \_\_\_\_\_; GOMES, I. (Orgs.). Comunicação e Estudos Culturais. Salvador: EDUFBA, 2011.

\_\_\_\_\_. **Gêneros musicais e comunicação: proposição de um modelo de análise midiática da música popular massiva**. Texto inédito. Salvador. 2008.

\_\_\_\_\_. **Música Popular Massiva e Comunicação: um universo particular**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1144-1.pdf>>. Acesso em 5 de janeiro de 2014.

\_\_\_\_\_. **Dos gêneros textuais, dos discursos e das canções: uma proposta de análise da música popular massiva a partir da noção de gênero midiático**. In: Narrativas Midiáticas Contemporâneas, (Orgs) André Lemos, Christa Berger e Marialva Barbosa. Salvador: Editora Sulina, 2005-2006.

\_\_\_\_\_. **O Videoclipe como Forma de Experiência Estética na Comunicação Contemporânea**. Disponível em <[http://www.sergiomattos.com.br/liv\\_tvregionais08.html](http://www.sergiomattos.com.br/liv_tvregionais08.html)>. Acesso em 1° de abril de 2009.

\_\_\_\_\_. **Autenticidade e gêneros musicais: valor e distinção como formas de compreensão das culturas auditivas dos universos juvenis**. In: Revista Ponto e Vírgula. <[www.pucsp.br/ponto-e-virgula](http://www.pucsp.br/ponto-e-virgula)>. Acesso em 1° de abril de 2009.

TROTTA, Felipe. **Juízos de valor e o valor dos juízos: estratégias de valoração na prática do samba**. Galáxia, Brasil, v. 7, n. 13, p. 115-127, 2007. Disponível em <<http://200.144.189.42/ojs/index.php/galaxia/article/view/5626>>. Acesso em 1° de abril de 2009.

## **7. Apêndices**

### **7.1. Ficha técnica do livro *Outro Canto – retratos de artistas da outra música baiana em lugares especiais***

Fotografias: Sara Regis

Tratamento de imagens: Wendell Wagner e Fabíola Freire

Projeto gráfico: Lis Nogueira

Orientação acadêmica: José Mamede

### **7.2. Currículos resumidos dos profissionais envolvidos**

#### **Wendell Wagner:**

Graduado em Comunicação Social pela UFBA, sua luz envolve uma musicalidade poética, principalmente no que diz respeito aos palcos. Já desenvolveu um livro de fotografia cênica intitulado “Martim em Cena”, onde capturou grandes cenas de espetáculos realizados no Martim Gonçalves. Suas lentes já registraram os maiores artistas em palcos como a Concha, o TCA e mais recentemente o Balé Folclórico da Bahia em sua participação no Festival des Divinités Noires em Togo, África.

#### **Fabíola Freire:**

Graduada em Comunicação Social pela UFBA e especializada em Fotografia de Moda pelo IIF e pela London College of Fashion, foi assistente do fotógrafo Danilo Russo. Já participou do Dorkbot, da IX Bienal do Recôncavo em 2009 e em 2010 realizou sua primeira exposição individual. Esteve presente no Imagem Fashion 2011 e também desde 2011 ministra cursos no Labfoto. Teve trabalhos publicados no jornal Folha de São Paulo e na revista italiana Jump.

#### **Lis Nogueira:**

Graduada em Comunicação Social pela UFBA e ex-estudante de Design Gráfico, também na UFBA. Foi monitora do Labfoto entre 2007 e 2008, e seu TCC foi a exposição fotográfica individual *Movimento Cotidiano*. Hoje, é sócia da empresa de fotografia La Fotita. Como designer, trabalhou em diversas agências, como a Ponto K, a Atenas Comunicação e a Agência Péck, sendo que, nas duas últimas, foi diretora de arte. Atualmente, é diretora de arte na Accessing Comunicação e Marketing.

### **7.3. Textos do *Outro Canto* (com as datas de realização dos ensaios)**

#### **Júlio Caldas (08/06/2013)**

Fiquei me perguntando se Júlio Caldas é sempre sereno e tranquilo como ele foi naquele dia. Ele me contou que está muito feliz de estar morando mais perto do centro da cidade, tendo se mudado para a Federação há pouco mais que 3 anos. Passamos boa parte daquela tarde de sábado passeando pela sua vizinhança e fazendo vários cliques, sem nenhuma pressa.

#### **Eric Assmar (10/06/2013)**

Deu trabalho pra Eric Assmar decidir onde queria ser fotografado. Segundo ele, não havia em Salvador nenhum lugar simbólico para sua história de vida. Sugeri e ele concordou que o Largo de Santana, no boêmio bairro do Rio Vermelho, era um bom cenário, mesmo depois da chuva forte que caiu naquela noite de segunda.

#### **Diogo Rios (15/06/2013)**

Fotografar um artista bem-humorado e que gosta de posar fica ainda mais fácil quando se trata de seu irmão. Diogo Rios quis ser retratado na Ladeira dos Afritos, no 2 de Julho. Ex-morador do local, explicou que aquela fase foi importante para sua carreira artística e para sua vida pessoal. Passeamos também pelo Bar de Batatinha, que frequentava muito.

#### **CH Straatmann (15/06/2013)**

O simpático CH Straatmann considerou também os aspectos visuais do local escolhido. Cheguei no Solar Café e o encontrei curtindo a brisa do mar e degustando um bom café com sua esposa, boa pedida pra uma tarde de sábado. CH me contou também que foi lá no Solar do Unhão, onde fica o café, que ele fez um dos shows mais marcantes da sua carreira.

#### **Dão (16/06/2013)**

O MAM (Museu de Arte Moderna), no Solar do Unhão, foi escolhido por Dão por ser um lugar em que acontece música toda semana e que "transpira paz". Ele costuma ir pra lá pra pensar, pra tocar violão e pra criar novas canções. Coincidentemente, ele se apresentaria lá na noite daquele domingo.

### **Márcio Mello (17/06/2013)**

Ele contou orgulhoso que faz parte da história da Midialouca, loja de discos e livros situada no bairro do Rio Vermelho. Márcio Mello repassou o aluguel da casa atual para seu amigo Paulo mudar a lojinha pra lá há alguns anos. O fato da Midialouca ser uma das poucas na Bahia que ainda resistem à concorrência das grandes lojas também influenciou a escolha do roqueiro.

### **Geronimo (18/06/2013)**

Os dez anos de show na Escadaria do Passo fizeram com que Geronimo não vacilasse na escolha do seu cenário. O bairro do Santo Antônio Além do Carmo abriga também a Casa de Geronimo, memorial de sua carreira e ponto de apoio para os shows que acontecem em frente toda terça-feira. A chuva atrapalhou um pouco, mas deu um brilho especial aos degraus.

### **Letieres Leite (22/06/2013)**

Foi na Ladeira do Carmo que Letieres Leite teve contato com a música “de forma mais organizada”, como disse. No final dos anos 70, era lá que ficava a casa da família Brasil, que deu a primeira oportunidade ao maestro ainda na adolescência. Dentre muitas histórias, deu pra entender que a casa foi muito importante para sua formação.

### **Jajá Cardoso (25/06/2013)**

Ele pediu uma cachaça com limão e mel no mesmo lugar que, quando criança, comprava balas e pirulitos. O Bar Cruz do Pascoal fez e ainda faz parte da vida de Jajá Cardoso, que nasceu e foi criado no bairro do Santo Antônio Além do Carmo. Hoje morando em São Paulo, ele sempre aparece por lá para rever os amigos e a família.

### **Fábio Cascadura (29/06/2013)**

Considerando os aspectos históricos do lugar, Fábio Cascadura quis ser fotografado no Solar Boa Vista, no Engenho Velho de Brotas. Segundo ele, a história cultural do bairro é muito rica, pois de lá surgiram diversos expoentes da cultura soteropolitana, além de ter sido morada do fotógrafo e etnólogo Pierre Verger.

### **Pietro Leal (29/06/2013)**

Morador do bairro do Campo Grande há mais de 20 anos, Pietro Leal escolheu o Passeio Público para posar para minhas lentes. O lugar é, para ele, um refúgio que exala paz, tranquilidade e beleza. Ele citou também a importância do Teatro Vila Velha para sua carreira e para a cultura da cidade.

### **Lazzo Matumbi (30/06/2013)**

Foi ótimo poder fotografar Lazzo Matumbi após um show memorável no MAM (Museu de Arte Moderna), no Solar do Unhão. Ele parecia um pouco cansado, mas estava sorridente. Pra minha sorte, o prédio onde fica o camarim estava recebendo uma exposição de plantas. Abraçado pelas folhas verdes, ele disse sorrindo: "salve Oxóssi! Okê Arô!"

### **Marcela Bellas (30/06/2013)**

Moradora do bairro da Graça, Marcela Bellas disse ter uma relação especial com o belíssimo vizinho, o Palacete das Artes Rodin Bahia. Ela gosta do verde e da tranquilidade que o espaço conserva mesmo estando no centro de uma grande cidade. A arquitetura do lugar e o café que funciona lá também instigam a visita da artista.

### **Márcia Castro (02/07/2013)**

Márcia Castro seria fotografada no bairro da Saúde, onde foi criada, se não tivesse passado mal no dia que marcamos. Mas os contratemplos foram favoráveis e me levaram à bela casa de sua mãe em Praia do Forte, seu refúgio de verão. Simpática, disposta e fotogênica. Deu trabalho pra selecionar apenas duas fotos dessa moça.

### **Nancy Viégas (03/07/2013)**

O lugar onde passa a maior parte do tempo, onde transforma ideias em música, onde aprende e ensina. Foi assim que Nancy Viegas definiu o Estúdio Casa das Máquinas onde trabalha, no bairro do Rio Vermelho. Um pouco tímida no começo, fomos conversando e ela foi se soltando, até fazer careta pra minha câmera.

### **Juliana Ribeiro (05/07/2013)**

A trajetória musical de Juliana Ribeiro está muito ligada ao Teatro SESI Rio Vermelho. Foi na varanda do teatro que ela iniciou seu trabalho solo e pôde divulgar seu nome. A área externa onde fizemos as fotos, no andar de cima, é o único lugar do teatro em que ela nunca fez show, mas morre de vontade.

### **Thiago Kalu (06/07/2013)**

A história musical dele está atrelada a esse teatro. Assim me disse Thiago Kalu sobre o Teatro Vila Velha, no Campo Grande. Foi lá que ele estreou seu trabalho solo. Hoje, participa do encontro de compositores que acontece lá todo mês. Exploramos todas as entranhas do teatro que, por sorte, estava sendo invadido pelo sol naquele entardecer.

### **Pedro Pondé (10/07/2013)**

Sua estreia nos palcos foi como ator, no Teatro SESI Rio Vermelho, aos 15 anos de idade. Pedro Pondé se diz tímido, mas não pareceu. Fez diversas poses, deitou, se empenou e rendeu ótimos clicks. O teatro foi a base para seu trabalho musical. Hoje, ele não sabe se é um ator que canta ou um cantor que atua.

### **Ricardo Primata (15/07/2013)**

Satisfeito, Ricardo Primata mostrou todos os ambientes da sua escola de música que funciona no Rio Vermelho, ainda com restos de reforma. Exploramos alguns ambientes da escola até eu perceber que o mais interessante era o corredor.

### **Manuela Rodrigues (08/12/2013)**

De um tempo pra cá, a relação de Manuela Rodrigues com o Passeio Público, no Campo Grande, se intensificou bastante. Sua frequência no lugar é muito devido ao trabalho e às atrações do Teatro Vila Velha, mas ela sempre dá um jeitinho de chegar mais cedo pra dar uma passeada sob o canto dos pássaros.

### **Larissa Luz (10/12/2013)**

Com o dom da pose, Larissa Luz fez estripulias e o resultado do ensaio fotográfico com ela superou minhas expectativas. No Sunshine Bar, no Rio Vermelho, bairro onde mora há muito tempo, fiz vários retratos da moça. Ela frequentava o espaço na adolescência, quando ainda se chamava Idearium, e até hoje vive experiências musicais lá.

### **Lucas Santtana (10/12/2013)**

A primeira casa em que morou logo depois de nascer ficava no Rio Vermelho, bairro onde seus pais moram atualmente. O bairro é também a região que Lucas Santtana mais frequentou em Salvador, seja na praia, onde quis ser fotografado, seja no Largo de Santana ou da Mariquita comendo um bom acarajé.

### **Paulinho Oliveira (11/12/2013)**

A escola de teatro Sitorne, no Rio Vermelho, é o QG de Paulinho Oliveira há 6 anos. Foi lá que ele gravou parte do primeiro disco e estreou alguns de seus shows, e é lá que ele ensaia e trabalha. "Aqui tem sido minha toca, onde faço minhas maluquices", contou gargalhando.

### **Álvaro Assmar (18/12/2013)**

Foi bom conhecer o lugar de onde saem ótimos programas para rádio, músicas, discos, entre outras pérolas fonográficas criadas por ele. Álvaro Assmar contava histórias enquanto apresentava as principais peças de sua coleção de discos e o seu *home studio*, em seu apartamento, na Federação. Se não estivesse no horário de almoço do trabalho, passaria horas ouvindo suas experiências.

### **Robertinho Barreto (23/12/2013)**

Foi em seu escritório na Rádio Educadora FM, na Federação, que Robertinho Barreto foi retratado. Mesmo ele não se sentindo muito à vontade em frente à câmera fotográfica, pedi que fizesse algumas poses. Ele contou que a pesquisa musical que vem fazendo na rádio há 6 anos influencia diretamente o seu trabalho como músico.

#### 7.4. Orçamento

ITEM	VALOR
GASOLINA / TRANSPORTE	R\$ 200,00
ESTACIONAMENTO	R\$ 50,00
IMPRESSÃO DE 3 EXEMPLARES	R\$ 1.188,00
TRATAMENTO (52 IMAGENS)	R\$ 520,00
TOTAL	R\$ 1.958,00